




A CATEGORIA DA AUTONOMIA FREIREANA PARA A PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA

THE CATEGORY OF FREIREAN AUTONOMY FOR THE PRACTICE OF TEACHING PHILOSOPHY

LA CATEGORÍA DE AUTONOMÍA FREIREANA PARA LA PRÁCTICA DE LA ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n52-020>

Data de submissão: 12/08/2025

Data de publicação: 12/09/2025

Karen dos Santos Melo

Mestre pelo PROFILO

Professora da Educação Básica 3

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

E-mail: karenfilosofia@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2011621142532985>

Valter Ferreira Rodrigues

Professor Doutor

Professor do Mestrado PROFILO

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de

Campina Grande (UFCG)

Email: valter.rodrigues@academico.ufpb.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7804933907112231>

RESUMO

O artigo discute a categoria da autonomia no pensamento filosófico e educacional, destacando sua relevância em Immanuel Kant e Paulo Freire, e sua contribuição para a prática do ensino de filosofia. Para Kant, a autonomia está vinculada ao autogoverno racional e moral, sendo resultado do esclarecimento e da formação de cidadãos capazes de agir de acordo com leis universais. Na perspectiva freireana, a autonomia é compreendida como condição fundamental para a educação libertadora, baseada no diálogo, na reflexão crítica e na superação da educação bancária, que reduz o discente a mero receptor de conhecimento. Ao propor a construção coletiva do saber, Freire enfatiza a autonomia como caminho para a emancipação social e política dos sujeitos. Nesse contexto, o ensino de filosofia adquire papel essencial ao estimular o pensamento crítico, a investigação e a participação ativa dos discentes, tornando-os protagonistas de sua aprendizagem e agentes de transformação social. O estudo conclui que a categoria da autonomia, especialmente sob a ótica freireana, permanece como um desafio pedagógico, mas também como horizonte necessário para uma educação emancipadora e humanizadora.

Palavras-chave: Autonomia. Educação Libertadora. Pensamento Crítico.

ABSTRACT

The article discusses the category of autonomy in philosophical and educational thought, highlighting its relevance in Immanuel Kant and Paulo Freire, as well as its contribution to the practice of teaching

philosophy. For Kant, autonomy is linked to rational and moral self-government, being the result of enlightenment and the formation of citizens capable of acting according to universal laws. In Freire's perspective, autonomy is understood as a fundamental condition for liberating education, based on dialogue, critical reflection, and the overcoming of "banking education," which reduces students to mere recipients of knowledge. By proposing the collective construction of knowledge, Freire emphasizes autonomy as a path to the social and political emancipation of individuals. In this context, philosophy teaching acquires an essential role by stimulating critical thinking, investigation, and the active participation of students, making them protagonists of their learning and agents of social transformation. The study concludes that the category of autonomy, especially from Freire's perspective, remains a pedagogical challenge but also a necessary horizon for an emancipatory and humanizing education.

Keywords: Autonomy. Liberating Education. Critical Thinking.

RESUMEN

Este artículo analiza la categoría de autonomía en el pensamiento filosófico y educativo, destacando su relevancia en Immanuel Kant y Paulo Freire, y su contribución a la práctica docente de la filosofía. Para Kant, la autonomía se vincula al autogobierno racional y moral, resultante de la ilustración y la formación de ciudadanos capaces de actuar conforme a las leyes universales. Desde una perspectiva freireana, la autonomía se entiende como una condición fundamental para una educación liberadora, basada en el diálogo, la reflexión crítica y la superación de la educación bancaria, que reduce a los estudiantes a meros receptores de conocimiento. Al proponer la construcción colectiva del conocimiento, Freire enfatiza la autonomía como camino hacia la emancipación social y política de los individuos. En este contexto, la enseñanza de la filosofía desempeña un papel esencial al estimular el pensamiento crítico, la indagación y la participación activa de los estudiantes, convirtiéndolos en protagonistas de su propio aprendizaje y agentes de transformación social. El estudio concluye que la categoría de autonomía, especialmente desde una perspectiva freireana, sigue siendo un desafío pedagógico, pero también un horizonte necesario para una educación emancipadora y humanizadora.

Palabras clave: Autonomía. Educación Liberadora. Pensamiento Crítico.

1 A CATEGORIA DA AUTONOMIA FREIREANA PARA A PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre o conceito de categoria da autonomia na filosofia, observando sua importância para o filósofo Immanuel Kant, como também, para o filósofo e educador Paulo Freire. Em seguida, será debatido como esse conceito contribui para a prática do ensino de filosofia. O conceito de autonomia na filosofia vem ao longo da história sendo debatido por vários filósofos, mais foi na filosofia moderna que este conceito se desenvolveu de forma mais sistemática, onde a autonomia está ligada a ideia de liberdade, responsabilidade moral e a capacidade de autodeterminação.

2 A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE AUTONOMIA, A PARTIR DE KANT

O filósofo Immanuel Kant desenvolveu o conceito de autonomia como a vontade própria, como o governa-se por si. Assim, a autonomia em Kant está vinculada a obediência de uma dada regra, sendo está baseada na compreensão e aceitação de uma lei universal e não simplesmente por punição ou medo.

De acordo com o filósofo, a autonomia refere-se à capacidade do indivíduo de se autogovernar, ou seja, agir de acordo com leis que ele mesmo dá a si, em vez de ser controlado por forças externas ou impulsos irracionais, esse princípio estabelece que uma ação seja moralmente correta se puder ser universalizada, ou seja, se todos pudessem agir da mesma maneira sem contradição.

Nesse contexto, a autonomia é um produto do esclarecimento, pois indivíduos autônomos são aqueles que alcançaram a maturidade intelectual e também, são capazes de agir de acordo com princípios racionais autoimpostos.

No seu famoso ensaio “Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?” Kant define o esclarecimento como a capacidade de pensar por si mesmo, sem a orientação de outros. Ele enfatiza a importância do uso da razão e da autonomia intelectual, argumentando que o esclarecimento é um estado de maturidade em que os indivíduos se libertam de tutelas, especialmente as impostas pela sociedade. Desta forma, o esclarecimento incentiva as pessoas a se tornarem agentes de sua própria razão. Segundo Kant (2022, p.9), “O esclarecimento é a saída do ser humano da menoridade à qual ele mesmo se relegou”.

O esclarecimento é em última análise a busca pela autonomia, isto é, o esclarecimento promove a autonomia ao encorajar os indivíduos a pensarem por si mesmos e a desenvolverem suas capacidades racionais. Como expõe Kant (2022, p.11), “o uso público da razão deve ser sempre livre, e somente ele pode promover o esclarecimento entre as pessoas”.

Esse conceito de autonomia, trazido por Kant para a modernidade, influenciou a maneira como se pensa a educação, esta que deve visar à autonomia do sujeito. Esse filósofo, como também professor

universitário, demonstrou interesse pelos problemas educacionais em seus escritos, embora não tenha sido um estudioso exclusivo da área, teve como ideia a promoção da autonomia através da educação racional. Como apresenta Kant em sua obra “Sobre a Pedagogia” (p.27, 2019): “A educação prática ou moral é aquela através da qual o homem deve ser formado, para que possa viver como um ser que age livremente”, expressando, assim, um sujeito moral que age através da determinação do dever moral como parte da condição humana.

Nesse sentido, a principal meta da educação é promover a autonomia, capacitando indivíduos a exercerem plenamente sua capacidade de raciocínio de forma livre e consciente. Assim, a educação, apresentada por Kant, visa desenvolver as mais diferentes potencialidades do homem.

É essencial que o educando inicialmente se submeta à autoridade de outros, a fim de aprender a lidar com a liberdade e a responsabilidade. Somente após esse processo de aprendizado, ele estará apto a exercer sua liberdade e agir de acordo com sua própria consciência. Ao longo do processo educativo, proposto por Kant, a criança gradualmente desenvolve uma obediência voluntária à sua própria razão, aprendendo a seguir seus próprios critérios sem depender de ordens externas. Dessa forma, tornar-se autônomo é orientar sua vontade pela razão.

Para o filósofo, apenas um indivíduo autônomo pode ser realmente esclarecido, pois ele não depende de outras autoridades para orientar suas ações. Quando os indivíduos se esclarecem, eles se tornam mais aptos a governar a si mesmos e a agir de acordo com princípios racionais, em vez de simplesmente seguir tradições ou autoridades externas.

Neste contexto, a escola assume então o papel fundamental de promover uma educação que estimule o pensamento livre e capacite os discentes a alcançarem seus objetivos. Todavia, por que recorrer a Kant e Paulo Freire para abordar essa questão? Kant definiu o conceito de autonomia, enxergando nele o alicerce da dignidade humana e do respeito. Sua visão de liberdade como autodeterminação teve grande impacto na educação e no modelo escolar moderno.

A visão de Kant sobre a educação enfatiza o desenvolvimento da razão, da moralidade e da autonomia. Ele vê a educação como um meio crucial para a formação de indivíduos livres e responsáveis, capazes de contribuir para uma sociedade justa e racional. A educação, para Kant, não é apenas a transmissão de conhecimento, mas um processo integral que envolve a formação de caráter e a capacitação para a vida ética e racional.

Para ele, a educação deve ensinar as pessoas a pensar criticamente e a usar a razão de maneira independente, implica educar para a liberdade, onde o indivíduo é capaz de se autogovernar de acordo com leis morais autoimpostas. Para ele, a finalidade última da educação é a formação de cidadãos moralmente responsáveis, capazes de contribuir para o bem comum.

Na proposta de Paulo Freire a autonomia tem como objetivo central a educação, acreditando que os indivíduos devem ser capacitados a pensar criticamente e a agir de maneira autônoma para transformar sua realidade e a sociedade em geral.

Assim, Freire propôs que a educação não deve ser um processo de mera transmissão de conhecimento, mas um ato de libertação. Ele acreditava que a verdadeira educação leva à autonomia, capacitando os discentes a refletirem criticamente sobre o mundo ao seu redor e a agirem para transformá-lo.

3 A FILOSOFIA PEDAGÓGICA NA CATEGORIA DA AUTONOMIA EM PAULO FREIRE

O conceito de autonomia em Paulo Freire surge como parte integrante de sua pedagogia crítica e está profundamente enraizado em suas experiências de vida, suas influências teóricas, e sua visão sobre a educação como um processo de emancipação e transformação social.

Paulo Freire, era educador e filósofo, foi alfabetizado na sua casa com palavras que faziam parte do seu mundo, do seu dia a dia. Aos 13 anos ficou órfão, quando perdeu seu pai, e teve que interromper seus estudos. Seus irmãos o ajudaram a dar continuidade aos seus estudos até se formar em Direito. Em 1943 entrou na Universidade de Direito de Recife. Em 1947, foi nomeado diretor do Departamento de Educação e Cultura, do Serviço Social da Indústria, iniciando um trabalho de alfabetização de jovens e adultos carentes e de trabalhadores da indústria. (Paulo Freire, 2024)

Mas tarde e com poucos recursos desenvolveu a educação de jovens e adultos que inspirou o Plano Nacional de Alfabetização desenvolvido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) no governo de João Goulart.

Paulo Freire foi exilado do Brasil acusado de comunismo, a acusação contra ele começou a partir de uma greve dos trabalhadores, que exigiam seus direitos a partir das leis trabalhistas, ou seja, da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). O projeto de alfabetização por ele desenvolvido, não só despertava para o letramento, mas para um despertar de consciências e nova visão de mundo, e isso não era bem visto por alguns políticos que estavam no poder, já que para eles o povo analfabeto é mais fácil de controlar.

Paulo Freire obteve o doutoramento em Filosofia e História da Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1959. A sua tese foi sobre "Educação e Atualidade Brasileira". Além disso, recebeu diversos títulos de doutor honoris causa de universidades em todo o mundo, incluindo Cambridge e Oxford.

Em 1969 foi convidado para lecionar em Harvard, sendo consultor e coordenador do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Genebra na Suíça. Neste contexto histórico, surgiu o projeto de educação popular, de alfabetização realizada no estado do Rio Grande do Norte, que conseguiu em quarenta e cinco dias alfabetizar trezentos camponeses.

No dia 22 de maio de 1987 morre aos 76 anos por problemas circulatórios. Em vida e postumamente foi condecorado com 48 títulos honoríficos, e no mundo cerca de 350 escolas e instituições levam seu nome. Em 2005 foi criado um projeto de Lei pela deputada Luiza Erundina, que foi aprovado e sancionado somente em 2012 pela então presidente Dilma Rousseff, reconhecendo o professor como Patrono da Educação Brasileira. (Paulo Freire, 2024). Até hoje Paulo Freire é referência nas universidades e escolas por causa da sua importante contribuição na área da educação.

A questão da educação foi analisada por Paulo Freire em algumas de suas obras como a “Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia” que debatiam sobre a educação como transformadora da realidade.

Na obra Pedagogia do Oprimido publicada em 1968, Freire buscava conscientizar e promover a superioridade humana, libertando o opressor do oprimido, isto é, libertando o discente das ideias estabelecidas pela classe dominante, fazendo-o pensar por si próprio e mudar a realidade que estava vivenciando.

Esta obra pode ser interpretada como uma forma de antropologia filosófica, pois trata da condição humana e da relação entre opressores e oprimidos no contexto educacional e social. Freire explora a natureza do ser humano em situações de opressão e como a educação pode ser um meio de libertação.

Na sua obra Freire discute a desumanização dos oprimidos, que ocorre quando são negados seus direitos e sua capacidade de pensar criticamente sobre o mundo. Ele argumenta que essa desumanização não é uma condição permanente, mas um estado que pode ser superado através da conscientização e da educação libertadora.

A abordagem de Freire propõe que a educação deve enfatizar a importância do diálogo e da reflexão crítica, que são ferramentas essenciais para que os oprimidos possam tomar consciência de sua situação e agir para transformá-la.

Já na obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire publicada em 1997, sendo a última obra publicada em vida, se propunha a dialogar com os docentes, como forma de incentivar uma nova releitura de mundo. Além disso, mostrava que a prática educativa deveria ser orientada por valores éticos que promovessem a autonomia, a liberdade e o respeito mútuo. Para Freire, educar é um ato de amor, de coragem e de compromisso com a transformação do mundo em um lugar mais justo e humano.

Assim, a obra de Freire não apenas oferece um guia pedagógico, mas também um chamado ético para que os docentes se tornem agentes de mudança social, comprometidos com a construção de uma sociedade mais equitativa e solidária.

Freire argumenta que o ato de educar não é neutro, envolve uma postura ética de respeito pelo outro, reconhecendo-o como sujeito com potencial para construir conhecimento.

Assim, nas suas obras Freire defende que a educação deve promover a autonomia, pois o discente deve ser capacitado a pensar criticamente e a agir com liberdade em sua vida pessoal e social.

Nesse sentido, a categoria da autonomia para Paulo Freire representa a capacidade do indivíduo de ser o autor e agente de sua própria aprendizagem. Ela é fundamental para a construção de uma educação que seja verdadeiramente libertadora, pois só através do desenvolvimento da autonomia os indivíduos podem participar plenamente da criação de conhecimento e da transformação de sua realidade. Como expõe Freire (2005, p.84), “Educação não transforma o mundo. Educação muda às pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Assim, a educação para Freire é um processo de conscientização, onde docentes e discentes se envolvam em um diálogo crítico, esse diálogo permite que os discentes reflitam sobre sua realidade, questionem a opressão e busquem transformações sociais, onde a educação deve empoderar os indivíduos, promovendo sua autonomia e capacidade de agir no mundo.

Para ele, a verdadeira educação é libertadora e deve ser fundamentada no respeito mútuo, na curiosidade e na busca coletiva pelo saber. Segundo Freire (2023, pág. 118), “Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática”, isto é, uma educação que promova a reflexão crítica, onde os indivíduos tomem consciência de sua condição e ajam para mudar sua realidade, promovendo a libertação tanto pessoal como coletiva.

4 A AUTONOMIA FREIREANA PARA A PRÁTICA DO ENSINO DA FILOSOFIA

Paulo Freire por ter crescido em um ambiente de pobreza no Brasil, o sensibilizou para as questões de desigualdade social e opressão. Essa vivência moldou sua percepção de que a educação deveria ser um meio de transformação social e emancipação dos oprimidos, não apenas uma ferramenta para transmitir conhecimentos.

Para Freire, a educação deveria capacitar os indivíduos a serem autônomos, isto é, a pensarem por si mesmos, a tomarem decisões e a agirem de acordo com seus valores e convicções. A autonomia, assim, não é apenas uma capacidade individual, mas um resultado desejado de uma educação que respeita e promove a dignidade humana.

Assim, a autonomia, para Freire, está ligada à capacidade dos indivíduos de entenderem e questionarem as estruturas de poder que os oprimem, promovendo assim uma mudança na sociedade.

Freire criticava o modelo tradicional de educação a chamada educação bancária, na qual os discentes são tratados como recipientes passivos, como também propõe uma educação que promova a autonomia através da transformação social.

Desta forma, a proposta educacional freireana buscou transformar o discente em sujeito, promovendo a autonomia e a conscientização de sua condição social, isto é, uma educação que liberta,

empodera e transforma, desafiando os educadores a repensarem suas práticas e a criarem ambientes de aprendizagem que promovam o diálogo, a conscientização e a ação crítica.

Na sua trajetória Freire se dedicou a analisar a educação como uma forma de libertar as pessoas das ideologias da classe dominante. Com base neste contexto, tanto Kant, quanto Freire, apostaram no potencial humano de construir um mundo melhor, fazendo o ser humano superar a vontade do outro criando sua própria realidade.

Nesse cenário, a escola deve fornecer meios para os discentes soltarem as amarras colocadas pela classe dominante que fornecem a educação bancária que não visa à reflexão, pois quando não se reflete, não se questiona. Assim, a educação deve ser transformadora, na qual o discente reflita sobre sua realidade e possa ser capaz de muda-la.

Dessa forma, o docente deve propor uma abordagem pedagógica que valorize a participação ativa dos discentes, estimulando o diálogo e o questionamento como ferramentas essenciais para a construção do conhecimento.

Diante disto, a Filosofia ao ser inserida no currículo escolar no ano de 2008 por meio da lei nº 11.684/08, mas apenas em meados de 2009 ela passou a ser ministrada nas escolas das redes públicas e privadas do Brasil, se tornando obrigatória. Consequentemente, a disciplina vem com a proposta de fazer com que os discentes começassem a refletir sobre si e sobre o mundo, sendo capazes de modificar a realidade em que vivem.

A filosofia, ao fazer parte do currículo escolar, vai estimular o discente a refletir filosoficamente sobre os conteúdos ministrados pelo docente, que deve ser aquele que dá o caminho ou direcionamento para se chegar ao conhecimento, isto é, conduzindo-o em sua atividade filosófica, conforme Cerletti expõe (2009, p. 15): “[...] por etapas graduais e sucessivas, o aluno, com ajuda de um mestre ou de um professor, passa do não saber ao saber”.

Para Freire, o conhecimento não é algo que é simplesmente transmitido de um docente para um discente de maneira passiva. Em vez disso, ele vê o conhecimento como algo que é construído ativamente pelos sujeitos envolvidos no processo educativo. A autonomia, nesse sentido, é a capacidade do discente de participar ativamente da construção do conhecimento, em vez de ser um mero receptor.

A categoria da autonomia está intrinsecamente ligada a conscientização em Freire, ele entende que, para que o indivíduo se torne autônomo, ele deve ser capaz de refletir criticamente sobre sua realidade e compreender as relações de poder que o oprime.

Nesse contexto, buscamos responder a seguinte questão: Como a categoria da autonomia de Paulo Freire possibilita na prática do ensino de filosofia transformar o ser humano em um sujeito autônomo?

Diante desta indagação, o ensino de filosofia tem se mostrado um caminho promissor para uma educação autônoma, já que os discentes são incentivados a questionar, refletir e desenvolver um pensamento crítico, o que contribui para sua autonomia e capacidade de tomar decisões.

Assim, a educação deve libertar as pessoas do pensamento dogmático e da aceitação passiva de informações, apresentadas pela educação bancária, que visa à manutenção da consciência ingênua dos sujeitos, essa educação não contribui para a formação da autonomia porque está a serviço da classe dominante, que se utiliza da educação para colocar suas ideologias, que acaba inviabilizando qualquer ação transformadora e crítica do sistema.

Nesse modelo de educação fica perceptível à prática da dominação, já que passa a ser um instrumento para a classe dominante implementar seus ideais de mundo, algo que deve ser criticado, pois se busca sujeitos ativos que participem do mundo, que saibam reinventá-lo e transformá-lo.

A educação deve ajudar o sujeito a desenvolver suas próprias características e a escola deve fornecer os meios para que os sujeitos consigam ter sua autonomia, e isto só será possível se a educação e o ensino não forem entendidos somente como transmissores de conhecimento, mais como agentes transformadores.

A autonomia em Freire não é apenas um objetivo educacional, mas também um meio para a libertação. Ele vê a autonomia como uma condição necessária para que os oprimidos possam se libertar das estruturas que os mantêm subjugados. Epistemicamente, isso significa que o discente autônomo é capaz de questionar, desafiar e transformar as verdades impostas pelas estruturas de poder.

A partir disso, o docente assume um papel importante para que essa mudança aconteça, pois irá proporcionar aos discentes as condições para a superação dessa educação bancária. Com a superação desse tipo de educação surgirá a educação de concepção problematizadora apresentada por Freire em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (2023, p.97) que expõe, “[...] em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador [...]”, são sujeitos ativos que participam do desenvolvimento do conhecimento.

Assim, na sala de aula o docente não deve transferir conhecimento este deve possibilitar a construção de conceitos, pois quando o discente passa a construir o conhecimento, este começa a entender sua posição no mundo, não a de quem nada tem a ver, mas aquele que transforma o mundo por intermédio daquilo que vai aprendendo, passando a ser um sujeito de transformação, um sujeito que cria sua própria história.

Ao falar de sujeito de transformação tira-se a ideia do docente que impõe sua vontade sobre os discentes, e busca-se um sujeito capaz de refletir e pensar a partir de suas experiências cotidianas. Como expõe Freire (2023, p.67): “[...] A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a [...]”.

Nessa abordagem, a educação só é importante quando ajuda os sujeitos a mudarem sua realidade, assim o docente deve ensinar o discente a inquietar-se com sua realidade para que a transforme. É preciso buscar a autonomia do discente, essa deve ser a ideia central que o docente deve levar para sua sala de aula. Segundo Freire (2023, p. 47),

[...] Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Nesse sentido, o docente deve estimular o discente com o conhecimento que ele oferece, ajudando-o a compreendê-lo e não a recebê-lo na íntegra, para que assim a relação entre docente e discente aconteça, esta ao ser estabelecida, fica mais fácil do discente interagir, tirar suas dúvidas, levantar seus questionamentos e ter curiosidade em buscar em outros meios aquilo que foi ensinado e tirar suas próprias conclusões.

Como expõe Freire (2023, p.121): “[...] o educando vai assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor daquilo que seja transferido pelo professor”. De acordo com o pensador, o sujeito é esse ser que, interagindo dialeticamente com a realidade, transforma-a, pois, o ser humano deve ser instrumento da investigação do pensar, um ser de reflexão e de transformação.

Assim, a educação apresentada por Freire valoriza a formação integral do ser humano que deve garantir o desenvolvimento do sujeito em todas as suas dimensões - intelectual, física, emocional, social e cultural, estimulando-o a pensar por si mesmo, a questionar o mundo ao seu redor e a buscar respostas para suas próprias indagações, contribuindo assim para a humanização do indivíduo. Como expõe Freire (2020, p. 118):

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido a prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro.

Freire ao refletir sobre a educação busca observar as situações sociais impostas pelo sistema econômico, isto é, pela classe dominante, que acaba exigindo uma educação para o trabalho, deixando o indivíduo sem autonomia, sendo apenas uma reprodução das ideias preestabelecidas, já que vivemos em uma sociedade contraditória, em que os valores econômicos estão sobrepostos aos humanos.

Dessa maneira, a educação hoje não deve estar ligada a modelos ideais, isto é, modelos prontos, sendo contraditório quando pensamos no homem autônomo, pois a educação não deve modelar os indivíduos através de transmissão de conhecimento e, sim, incentivá-los a criarem seus conceitos diante daquilo que está sendo apresentado pelos docentes.

Nesse contexto, o ensino de filosofia desempenha um papel fundamental, pois ao estudar os grandes pensadores e, conseqüentemente, suas teorias, os discentes são expostos a diferentes perspectivas e modos de pensar, estes são desafiados a refletir sobre questões existenciais, éticas, políticas e sociais, desenvolvendo assim uma visão crítica do mundo. A filosofia também promove o diálogo e o debate, estimulando os discentes a terem suas opiniões e a ouvir as ideias dos outros.

Quando o discente consegue observar e entender o mundo a sua volta, ele consegue se libertar, pois passa a perceber que vive sobre uma ideologia dominante, determinando seu modo de agir e pensar, e começa assim, a refletir sobre sua condição de dominado e tenta muda-la. O discente é levado a escrever sua história, e esta deve se basear na prática da autonomia, pois através da reflexão e ação sobre o mundo pode-se transformá-lo.

Desta forma, Paulo Freire nos ensina a desenvolver a capacidade de pensar por si próprio, através da educação que dará o meio para se conseguir ler o mundo e a si mesmo, pois “alfabetizar é conscientizar” (2023, p.13).

Segundo Freire (2023, p. 17): “é com a palavra, que o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição”. Freire (2023, p. 20) “não inventou o homem; apenas pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se”.

Esse método faz com que o homem crie sua própria existência, pois quando se reflete, se reflete sobre algo, e esta possibilita a mudança que se busca contra as ideias preestabelecidas pela classe dominante, “o homem faz-se livre” (2023, p.23).

Para isso, é fundamental que os docentes adotem uma abordagem participativa e estimulem a reflexão crítica dos discentes. Devendo ser criados espaços de discussão e debate, onde as diferentes opiniões sejam valorizadas e respeitadas. Além disso, é importante que os discentes sejam incentivados a buscarem respostas para suas próprias perguntas e a desenvolver projetos que apliquem os conhecimentos filosóficos em situações reais. Como expõe Freire na sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2023, p.15):

[...] não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo [...].

Assim, a filosofia entra no currículo escolar não apenas como disciplina específica mais como sendo um potencial de resistência, já que seu ensino auxilia na formação de um pensamento reflexivo e independente, isto é, os discentes aprendem a analisar os argumentos apresentados, a identificar falácias e a construir suas próprias ideias fundamentadas em evidências e raciocínio lógico. Essa capacidade de pensar criticamente é fundamental para que os indivíduos se tornem cidadãos ativos e

participativos na sociedade. Em suma, o ensino de filosofia é uma ferramenta poderosa para a construção de um indivíduo autônomo.

Então, a educação vem para o indivíduo como uma motivação para mudar sua realidade e a do mundo, pois esta deve ser o caminho para se contestar e resistir diante de um sistema opressor que só estimula e incentiva uma educação bancária. Assim, o docente e os discentes devem se fazer sujeitos do seu processo, superando toda forma de dominação. Como apresenta Freire (2023, p.108): “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo é modifica-lo”.

Por este motivo, é preciso analisar a educação apresentada por Freire como transformadora do ser humano, para isso, se faz necessário sair de educação bancária baseada na dominação e caminharmos em direção a uma educação autônoma. Neste sentido, afirma Freire (2011, p. 25):

A sociedade alienada não tem consciência de seu próprio existir. Um profissional alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não está comprometido consigo mesmo, não é responsável. O ser alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com os olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva.

Por isto, deve-se reconhecer que a aprendizagem implica na atividade realizada pelo sujeito que irá interpretar a realidade e reconstruí-la a partir de suas observações. Desta forma, é importante reconhecer o discente como um ser ativo que participa e intervém nos conceitos apresentados pelo docente, se tornando assim autônomo como Freire já exponha em suas obras.

Para que a autonomia aconteça na sala de aula é necessário que exista a construção e reconstrução de conhecimento, onde o discente realiza sua interação com o objeto e o meio que vive, sendo a escola o espaço motivador e humano capaz de contribuir para o desenvolvimento desse sujeito autônomo.

O discente deve compreender que ele é o grande responsável por sua formação e por seu processo de aprendizagem, que será construído, passo a passo, no tempo de cada um, tendo a escola e os docentes papéis fundamentais nesse processo, pois irão fornecer conhecimentos necessários para a sua formação pessoal e social.

Para tanto, o ensino de filosofia deve basear sua didática na participação ativa do discente que através da sua curiosidade irá junto com o docente construindo o seu saber. O docente será aquele que ensina ao aprender, sendo uma educação em que todos participam das novas descobertas.

A escola deve colaborar para que esse processo aconteça, sendo um lugar de reflexão e questionamentos, respeitando o conhecimento que o discente traz, formando-o não para conhecimentos preestabelecidos, mais construtor do saber, esse saber que se desconstrói e reconstrói a partir dos conhecimentos que forem sendo adquiridos no decorrer das pesquisas desenvolvidas em sala de aula. Assim, o discente irá assumir o papel de protagonista da sua história, se formando para a vida com suas potencialidades, fazendo da educação o caminho para sua liberdade e autonomia.

A partir deste contexto, percebe-se a importância da filosofia na sala de aula, pois fará com que o discente questione, pergunte e tenha curiosidade diante daquilo que está sendo dialogado, neste exercício surgirá novas perspectivas, o novo dará continuidade a mais perguntas, que fará surgir à investigação, esta que irá buscar as respostas prováveis diante daquilo que foi questionado.

Neste caminho da investigação se dá a busca pelos saberes, assim fica perceptível que a filosofia não pode se dar a partir da educação bancária, pois o conhecimento não pode ser algo pronto e acabado. Sendo assim, para que a filosofia aconteça à educação deve ser participativa, onde o docente e discente tenham autonomia para criarem suas próprias concepções de mundo.

Nesse contexto, a escola então deve ser um espaço de troca de saberes entre docente e discente, para que assim aconteça a educação baseada na autonomia, estimulando um novo olhar sobre as coisas e o mundo, sem a influência dos outros.

Assim, todo o processo de educação depende necessariamente da humanização do ambiente escolar, em que todos são sujeitos ativos da educação, onde cada um é escutado, dando a oportunidade para que todos participem do desenvolvimento dos saberes, que sejam protagonistas do seu conhecimento.

Por isso é importante buscar por uma educação autônoma em que docente e discentes estejam juntos para que isto aconteça, como apresenta Freire ao mostrar que todos devem ser construtores do seu saber, pois fazem parte desse processo como agentes da sua própria formação. O ser humano deve pensar autenticamente, observando sua situação e pensando na sua própria condição de existir.

Paulo Freire contribuiu de maneira significativa com a categoria da autonomia na educação, pois centralizava seu pensamento na emancipação dos oprimidos e na sua conscientização. Sua abordagem pedagógica se fundamenta na ideia de que a educação deve ser um ato de liberdade, não de dominação.

Portanto, ao observar a categoria da autonomia em Paulo Freire percebesse que a verdadeira educação com autonomia ainda está distante, afinal de contas as ideias da classe dominante ainda interferem na possibilidade de tornar o indivíduo um sujeito autônomo, mas os docentes não devem desistir, devem continuar lutando para que a educação aconteça de forma autônoma sem precisar seguir ideias pré-estabelecidas, para que assim, o discente seja protagonista e sujeito da sua própria história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como proposta viabilizar a prática do ensino de filosofia tendo como referência o conceito de categoria da autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire que reforçou a importância da autonomia como elemento essencial da educação. Para Kant a autonomia refere-se à capacidade do indivíduo de autogovernar-se, sendo produto do esclarecimento, pois ao alcançar a maturidade intelectual são capazes de agir de acordo com princípios racionais autoimpostos.

Paulo Freire apresenta a autonomia como o instrumento fundamental para capacitar os indivíduos a pensar criticamente e a agir de maneira autônoma para transformar sua realidade e a sociedade em geral.

Na filosofia freiriana a autonomia transforma o indivíduo em relação ao seu olhar para o mundo e em consequência na forma como interage em sociedade, pois, à medida que o pensamento crítico é trabalhado, o indivíduo vai se tornando capaz de estabelecer a sua criticidade quanto ao *status quo* dominante, e, por conseguinte, estabelecendo os seus próprios conceitos, desvinculando o seu pensamento de mero receptor de ideias para um sujeito capaz de produzir pensamentos autônomos. Portanto, compreender a autonomia freiriana nos ajuda a decifrar quem somos e quem poderemos ser.



REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 49. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*: 46. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*: Prefácio Moacir Gadotti; Tradução Lilian Lopes Martins. 34. ed. ver. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm>. Acesso em 22 de março de 2024.

FREIRE, P. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/paulo-freire/>. Acesso em 22 de março de 2024.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Tradução: João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2019.

KANT, Immanuel. *Resposta á pergunta: O que é esclarecimento? E outros textos*. Tradução: Estevão C. de Rezende Martins. São Paulo: Penguin - Companhia das Letras, 2022.

SILVA, J. É. A. *As Contribuições de Paulo Freire no Ensino de Filosofia: Curiosidade e autonomia como princípios de uma educação libertadora*. Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, pág. 1-85, 2023.

ZATTI, V. *Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=l2YIIoc6BeQC&oi=fnd&pg=PA1&dq=como+surgiu+a+autonomia+em+Paulo+freire&ots=f2ww-Mlkmz&sig=Oau5ZpHLFAneJNNrcVv->. Acesso em 23 de março de 2024.